

EDITORIAL

A Pneumologia portuguesa no seu XX Congresso

Um número redondo é geralmente motivo de comemorações suplementares, de actos públicos, embora se diga sempre (com palavras de circunstância) que as comemorações se fazem todos os dias com o trabalho regular e persistente.

O XX Congresso da SPP terminou agora, sem grandes comemorações, mas com três dias de trabalho participado: é sempre menos do que o que gostaríamos que fosse, mas foi significativamente participado em todas as sessões; a realização recente de um congresso luso-brasileiro ainda mais salienta a assiduidade nestes trabalhos.

Dezasseis temas foram tratados em conferências, mesas-redondas e cursos. Sete simpósios patrocinados pela indústria farmacêutica (talvez um pouco de mais, mas um fruto dos tempos).

Foram apresentadas 44 comunicações orais e 57 posters.

Havendo por vezes algum criticismo que me parece exagerado, não posso deixar de dizer que todo este balanço me parece muito positivo: positivo, não da Direcção da Sociedade – embora também, porque criou as condições para que este congresso corresse bem, mas sobretudo do conjunto da Sociedade que, estando presente e participando, permitiu que uma realização destas tenha sido viva e motivadora.

Esta é uma apreciação sumária e pessoal, mas que serve de mote para algumas reflexões sobre a Pneumologia portuguesa (e não só Pneumologia).

Todos nos dizemos preocupados com o presente e o futuro da Pneumologia no nosso país, não só devido aos problemas que todos os profissionais de saúde estão sentindo (tema para outra conversa), mas também devido aos problemas específicos da nossa especialidade.

Sentimos, talvez ainda mais agudamente que outros profissionais médicos, uma perda de influência e de importância – que nos preocupa, não por “rombos” num qualquer espírito corporativo, mas porque essa perda de importância poderá – e já o verificamos em várias áreas – conduzir à impossibilidade de uma boa actuação médica e a comprometer a eficácia das medidas de diagnóstico e terapêuticas que são essenciais para tratar e prevenir as doenças e para o bem-estar da população.

Herdeiros de uma especialidade poderosíssima – a Tisiologia – os pneumologistas têm muitas vezes evidenciado dificuldades em gerir este passado e esta herança.

Algum paralelo isto tem com o nosso sentir de portugueses; o passado do nosso país, com uma incontornável importância mundial foi gerido durante muitos anos de forma patrioteira e levou a que ainda não nos demarquemos correctamente dessa perspectiva demagógica, acabando por assumir uma posição hipercrítica e, de facto apoucando esse passado de que nos devemos, efectivamente, orgulhar.

Também a Tisiologia portuguesa foi importantíssima não só a nível científico, como assistencial e social; foi, também, isso é verdade, muito ligada ao poder político que suportamos durante décadas. Esta mistura levou, parece-me, a um apoucar dos aspectos clara e maioritariamente positivos da Tisiologia em Portugal.

Os novos ventos da Pneumologia moderna, estou a falar de há 20-30 anos, virada para outras patologias que não só a tuberculose e cada vez mais importantes e prevalentes na sociedade – a asma brônquica, a DPOC, o cancro do pulmão – dominaram o interesse geral e não se conseguia ser moderno sem criticar o passado (recente) – a tuberculose e o seu controle herdados do IANT e no SLAT. Se estas divergências estão hoje bastante aplanadas, outras há que vão surgindo e sendo alimentadas de uma forma exagerada.

Dizemos que nós, portugueses, somos os primeiros e os mais ácidos a criticar os próprios erros (reais ou exagerados); isto passa-se em todos os campos (no conjunto da sociedade portuguesa) e passa-se no seio da especialidade.

Não defendo perspectivas seguidistas e unanimistas, até porque vale bem a pena uma boa polémica aberta e uma discussão em termos correctos que permita erradicar erros e encontrar melhores caminhos; mas não sejamos autofágicos (como às vezes acontece), moderemos alguns ímpetos “líticos” que corroem o espírito de grupo que, no bom sentido, tem que existir e ser incentivado.

É necessário desenvolver o espírito de grupo, fortalecendo uma vontade comum, compreendendo e respeitando pontos de vista diferentes – que no nosso

caso serão sempre complementares. Drapejar pequenas divergências como se fossem grandes bandeiras corrói a capacidade de uma intervenção colectiva e reforçada; só os inimigos externos aproveitam deste tipo de atitude.

Do fortalecer deste espírito de grupo dependerá a nossa capacidade, como pneumologistas e como Sociedade, para contribuir para o progresso da ciência e da saúde em geral.

José Miguel Carvalho

13 de Dezembro 2004